

## IDÉIAS DIRETRIZES PARA UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

**Moacir Gadotti**

Doutor em Educação; professor de Filosofia da Educação da UNICAMP e da PUCC.

Eis algumas idéias diretrizes para uma filosofia da educação que surgiram do meu trabalho, nestes últimos quatro anos, no Centro de Filosofia da Educação da Universidade de Genebra, em estreita colaboração com seu responsável Claude Pantillon.

A filosofia da educação não é uma iniciação à filosofia antiga ou contemporânea. Seus limites situam-se exatamente entre a educação e a pedagogia atual, as ciências da educação de um lado, e a filosofia, do outro. Em outras palavras, o que a filosofia da educação aborda numa perspectiva filosófica, o que "dá a pensar" à filosofia, é a situação da educação e da pedagogia e como se encontra atualmente.

Este seminário (\*) deve permitir durante o semestre a abordagem de certos problemas educativos e pedagógicos. Em seu decorrer, este seminário nos auxiliará na determinação de algumas das tarefas, o horizonte, as possibilidades de uma filosofia da educação.

### 1 – AS TAREFAS DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

O problema da educação e da inovação é menos da competência de uma filosofia geral do que de uma filosofia da educação. Para que a educação e a inovação tirem um real proveito do seu comércio com a filosofia é necessário que esta última se coloque, antes de mais nada, à **escuta** da educação e da inovação. **A filosofia da educação implica uma educação da filosofia**: não pode pretender uma intervenção válida se não estiver por dentro, informada, preparada e formada, se ignorar a realidade, de sua análise, do levantamento dos seus problemas, suas riquezas e possibilidades, enfim, se não se articular sobre a situação.

Quero dizer que a educação deve representar para a filosofia um autêntico **desafio**. E, neste caso, sua principal tarefa consistirá em ajudar os homens a enfrentar esse desafio, em não depor armas em face do rumo dos acontecimentos, mas em tentar dar-lhe **novos rumos** voltados para uma perspectiva humana, ajudando a definir e a delimitar constantemente essa perspectiva.

Mas essa vontade e intenção de reorientar com maior firmeza o processo educativo colocando-o de maneira mais apropriada a serviço dos homens, de todos os homens, aproveitando das brechas abertas por uma **sociedade** e uma **educação em transição**, significam que o exercício da reflexão crítica não é suficiente, que a reflexão e o pensamento devem traduzir uma **atitude**, uma maneira de ser, um engajamento, uma luta, uma presença efetiva e resoluta do mundo. É necessário pois, que esta reflexão, que este pensar resolvam habitar o mundo, viver neste mundo, encarnar-se, aceitando o risco de **práxis**, de caminhar verdadeiramente com os homens, o povo, e de fazer **com** ele e a **favor dele** a aventura da educação. Uma filosofia da educação que foge a essa responsabilidade em face do outro, criança ou adulto, da sociedade e do mundo, entricheirando-se atrás do mundo das idéias, só pode desiludir e trair; arrisca-se a ser um **ópio**, uma **fuga**, um "supplément d'âme", em resumo, uma caricatura do homem e do pensar.

A quem compete a filosofia da educação ? Aos filósofos, certamente, por que não ? Mas sob a condição de que eles se submetam às condições e exigências indicadas acima. Mas cabe também aos representantes dos meios educacionais ( responsáveis, técnicos, pedagogos, especialistas das diferentes disciplinas ) sob a condição de que, por sua vez, façam o caminho inverso, isto é, se interessem, se formem e se informem sobre a filosofia.

Esses dois tipos de parceiros, unidos por uma problemática, pela mesma preocupação e vontade diálogo colocarão então em comum as respectivas competências, suas experiências e seus recursos.

Contudo, de modo geral, a filosofia da educação não poderá tornar-se uma especialidade qualquer com seus "mestres" e seus "peritos": ao meu ver, ela deve ser uma preocupação que concerne finalmente **todos** os parceiros, **todos** os atores da educação. Promover uma filosofia da educação não significa dar o poder aos filósofos ( em nome de uma doutrina ou de uma sabedoria dos quais eles seriam os guardiães e teriam o monopólio ), de decidir, do alto e pelos outros, o que a educação deveria ser, separando os que pensam daqueles que executam, o pensar, do trabalho. A filosofia da educação deve contribuir para indicar possíveis caminhos, para esclarecer, para suscitar o espírito de responsabilidade, de lucidez, de participação na solução dos problemas educacionais que são os nossos, os problemas do nosso tempo.

Eis, em resumo, algumas das tarefas de uma filosofia da educação que leva em consideração as exigências acima indicadas:

1. Colocar-se à escuta, formar-se e informar-se, tomar o pulso da situação da educação.
2. Dar-se em seguida a uma **reflexão crítica** destinada à proble-

matização desta situação. Por exemplo, o problema da finalidade da educação, da existência de antropologias, de ideologias subjacentes aos sistemas educacionais, às reformas, às inovações, às concepções e doutrinas pedagógicas, à prática da educação etc. A esse respeito parece-me indispensável e salutar a explicação crítica, já que esses pressupostos estão implícitos, insuficientemente elaborados, às vezes, contraditórios entre si ou em relação aos dispositivos, aos métodos, aos conteúdos, às estruturas que esses sistemas, essas reformas, essas doutrinas, essas disciplinas preconizam ou veiculam.

3. Semelhante trabalho de reflexão crítica seria incompleto, porém, se não tentasse pôr igualmente em evidência, os recursos, as possibilidades, as promessas que oferece o desenvolvimento da pedagogia, das ciências da educação e da tecnologia.

4. Afrontar as questões, as opiniões, as ideologias que tentam desvalorizar a reflexão, o ato de pensar, o esforço de coerência e que, sob diferentes rótulos, por diversas razões, desviam da vida pessoal e das exigências da existência: **o homem como sujeito**.

5. Enfrentar este problema decisivo: é possível uma filosofia da educação? Qual é o seu sentido? Tem ela alguma coisa a dizer, a dar, para a solução dos problemas encontrados? Por quê, em nome de quê? Sua tarefa limita-se ao exame crítico?

6. À luz e em função das questões e problemas que surgirão dentro de uma **prática da filosofia da educação** que leve em consideração as tarefas indicadas acima, o recurso à **história da filosofia** tornar-se-á indispensável na medida em que ele esclarece o presente. Um diálogo fecundo entre o passado e o presente pode, então, instaurar-se.

7. Evidentemente, o recurso apenas à tradição não satisfaz. Novas sínteses são indispensáveis, mesmo devendo ter em conta os ensinamentos preciosos do passado. Caberá à filosofia da educação levantar novas pistas, abrir novos caminhos, apresentar novos projetos. Para isso, esta filosofia deverá aproveitar-se das experiências e recursos oferecidos pelas ciências da educação. A filosofia da educação deve ter como meta a indicação concreta dos primeiros passos a serem dados, o esboço de uma **linha de ação**, de uma **práxis educativa**.

8. Será conveniente o estabelecimento de um diálogo constante, de permutas, de comunicação entre os diferentes setores ou departamentos, entre as disciplinas, os autores e protagonistas da educação. A filosofia da educação não trabalha em círculo fechado.

Como se pode observar, são essas tarefas consideráveis. E assim mesmo, são insuficientes. Se é verdade que filosofar significa sobretudo certa **presença no mundo**, na história, junto ao outro e perante si mesmo, uma maneira de ser, de existir, o que importa, antes de mais nada, é que os

obreiros de uma filosofia da educação, dêem verdadeiramente o exemplo de lucidez, de atenção paciente e vigilante, de engajamento, de responsabilidade, de companheirismo. Enfim, devem preocupar-se com tudo o que possa encorajar, nutrir, fecundar, suscitar essa atitude nos meios educativos e dela fazer o alvo central e decisivo da educação.

Em síntese, devem esforçar-se na promoção daquela “integração” de que nos fala Paulo Freire, e através da qual os homens têm acesso à dignidade de “pessoa”, que participa plenamente na dialética homem-mundo, que não se diminui, não se reduz nem se resigna a simplesmente “estar no mundo”.

Dentro destas diretrizes, a filosofia da educação tem por missão essencial trabalhar pela **libertação dos homens** não só através da palavra mas também através de uma **prática da liberdade**.

## 2 – A EDUCAÇÃO CONTRA A EDUCAÇÃO

Uma das tarefas essenciais da filosofia da educação, preocupa-da com o homem, consiste em decifrar o mundo em que vivemos, quero dizer, em lutar contra este analfabetismo que, em nossa pátria, se confunde com o não saber ler nem escrever: a educação talvez ensine a ler, mas contribui muito pouco para a leitura e a compreensão da realidade, da história, da vida. **Ler e escrever**, contudo, continuam sendo o essencial do ato educativo, mesmo depois da alfabetização.

Decifrar o mundo significa que o acesso à nossa realidade é problemático, que é preciso ir além das aparências, atrás das máscaras e das ilusões, pagando o preço da crítica, da luta, da busca, da **transgressão** e da libertação. É este o papel da conscientização de que nos fala Paulo Freire.

A conscientização deve levar em consideração principalmente o sistema escolar, o ensino público e particular, a educação permanente e a educação de adultos, para fazer delas uma leitura crítica, radical. Um dos maiores obstáculos à conscientização é a própria educação. Para educar ( conscientizar ) é preciso **lutar contra a educação**, uma luta retomada incessantemente, contra a educação dominante, a educação do colonizador. Não apenas interrogar a educação sobre a natureza do seu projeto, sua coerência e sua incoerência, suas finalidades, explícitas ou implícitas, a diferença entre o que ela preconiza e o que ela faz etc., mas, além disso, pôr em evidência sua **função ideológica** em relação ao contexto político, social e econômico. Esta leitura crítica da educação é essencial para a formação dos estudantes tendo em vista a sua profissão, mas também lhes compete continuar essa crítica fora da Universidade, nos meios onde eles possam intervir.

Isto posto, parece-me cada vez mais evidente que a **conscientização** e **análise crítica** da educação devem ser ampliadas. A conscientização na educação, no processo educativo é apenas uma pequena província desta consciência da vida, do mundo, de si mesmo, à qual os homens devem ter acesso para “serem” plenamente e enfrentarem os desafios do presente.

Da mesma maneira, a crítica da educação para que seja aprofundada e dê frutos, deve apoiar-se numa inteligência que leve em conta as múltiplas dimensões do humano, dimensões que, geralmente, a educação menospreza, ignora, negligencia e às quais ela vira as costas.

Parece-me que a missão da Universidade em face da educação, da escola, consiste em tornar-se um local onde essa crítica e essa conscientização possam ter lugar, onde se leva a sério a **questão da educação**, tema central da filosofia da educação, como questão, em vez de dar simplesmente “soluções”.

Tal é a perspectiva na qual nós trabalharemos neste semestre.

### 3 – MÉTODO E NÃO-MÉTODO

Tomar a educação como **questão**, como fenômeno no sentido fenomenológico (\*\*), isto é, “mostrar-se e esconder-se”, implica não ter do desenvolvimento desta questão a não ser uma **linha diretiva e provisória**. O mesmo ocorre com a bibliografia. Por isso, o que nos preocupa ao atender à exigência da apresentação de um “programa”, **por** nós e **para** os outros, é esse pressuposto de que o desenvolvimento correto de uma pesquisa não é possível sem uma longa lista de assuntos e uma bibliografia que determine com precisão, a maneira, o “tratamento” a ser dado. Um trabalho de pesquisa determinado por esse ponto de vista, teria chegado às conclusões antes mesmo de iniciar a busca. Pelo contrário, um programa de filosofia da educação deveria partir apenas de certo número de preocupações, os “temas geradores” na linguagem de Paulo Freire, o esboço da direção que se quer dar ao trabalho filosófico sobre a educação.

Essa atitude implica deixar que essas preocupações, essas inquietações — “a coisa mesma” — determine a maneira, o tratamento que lhe deve ser aplicado. Não se pode prever de antemão o desenvolvimento que terá um seminário de filosofia da educação. E é nesse sentido que a bibliografia deveria ser a última coisa a ser elaborada. Ela deveria apenas **nomear** as contribuições recebidas para chegarmos ao encontro ( se chegarmos ) do que procuramos. Ela deveria ser a lembrança, a memória, o **traço** dos que, antes de nós ou conosco, se preocuparam pelas mesmas questões. Uma bibliografia, por isso, só pode pôr em evidência um caminho **já** percorrido, o de **seu** autor. Por isso ela é sempre parcial e não poderá representar a experiência de todo o grupo que vai iniciar o trabalho.

Para os já acostumados com uma metodologia muito estreita, delimitada por regras muito precisas, precisão quanto ao conteúdo, precisão quanto às diversas etapas, do desenvolvimento do “programa” etc., o método proposto pode parecer um **não-método**. Mesmo assim não deixaria de ser um método, só que fugiria ao sentido cartesiano. Não quero dizer que a filosofia da educação não seja precisa ou não tenha **rigor** científico. Só que o rigor e a precisão em filosofia é de outra ordem. Não é o mesmo rigor das ciências.

Esse não-método, contudo, pode-nos levar à uma verdadeira prática e criação da filosofia da educação. Um programa rigorosamente planejado só poderia surtir o efeito contrário, isto é, reproduzir uma filosofia da educação, a filosofia da educação dominante. Se entendermos que a tarefa principal da filosofia da educação é pensar a educação, a nossa educação, o caminho ( **methodus** ) deve ser o não-método, tomando o risco dos percalços.

Decidir-se pelo não-método não significa não ter caminhos, significa **ser autor**, construir caminhos. Decidir-se pelo não-método significa decidir-se pela **autonomia** e pela **participação** na busca de novos métodos ( caminhos ). São essas suas exigências pedagógicas primeiras. Autonomia, aqui, significa liberdade de organização de suas atividades em função de seus interesses, liberdade de disputar o **espaço que é liberado** para a conquista de cada um na sala de aula; significa, ainda, a possibilidade de se **expor** e, portanto, de receber crítica, de assumir mais conscientemente e mais radicalmente a autonomia.

A **participação na decisão comum** vem limitar a autonomia pelo jogo das pressões das diversas tendências do grupo que se propôs fazer uma experiência democrática para dar nascimento a uma filosofia também democrática. A prática da filosofia deveria abrir o espaço político-pedagógico da sala de aula não para imitar uma democracia que seria realizada entre quatro paredes, mas para estudarmos as possibilidades e os limites dessa situação.

A proposta do não-método não limita a responsabilidade do “dirigente” ( do coordenador ) do grupo. Sempre que necessário o coordenador do grupo precisa incomodá-lo, desinstalá-lo de suas verdades adquiridas, sem falar às vezes a certa “dramaticidade” ( Sartre ). A relação docente é, em filosofia, uma relação dramática, conscientemente dramática. É preciso irritar-se, às vezes, dividir-se, dispersar-se, sobretudo quando percebemos estarmos “terminando bem” ( como no cinema ), quando percebemos estar a sala de aula se tornando uma “família feliz”.

Essas não são nem podem ser “regras para dirigir o nosso espírito” ( Descartes ), mesmo porque o não-método não é cartesiano e, portanto, não admite regras pré-dadas, a não ser a não-regra. Nesse caminho,

aparentemente sem regras, cujas regras são feitas caminhando, caminho ( forma ) e conteúdo do caminho não se separam. A filosofia, nesse caminho, pode ser o seu próprio conteúdo. De **afirmativa** ela passa a ser **interrogativa**. As afirmações tornam-se problemáticas aumentando as interrogações e as inquietações. A filosofia da educação, interrogando a teoria e a prática da educação, usa da filosofia para denunciar a filosofia, o que ela tem sido, o que ela veicula.

Se avançamos na tarefa de demolição de uma filosofia eminentemente afirmativa, devemos igualmente avançar a edificação de uma nova. É preciso ser **autor**, para ser autor é preciso tomar a sério a tarefa da "destruição" ( Heidegger ). Destruição aqui significa decifração do essencial. A destruição é a tarefa da filosofia da educação, uma destruição cheia de amor pelo outro e pela verdade. Uma destruição violenta, mas uma violência cheia de ternura, de simplicidade e de amor.

Por essas razões, não insisto tanto numa teoria do conhecimento quanto numa **teoria da práxis**. Como pensar a prática ? Aqui está a questão mais grave que nos deve ocupar constantemente. Como interrogar a prática da educação. O interesse maior de um seminário de filosofia da educação não é o de trazer numerosos conhecimentos que possam servir para a dominação, para obter mais poder. Pelo contrário, deve interessar-se em conhecimentos que destruam o poder, o poder da relação docente, por exemplo, a hierarquização, a dominação; deve questionar a prática da educação. Não deve produzir novos tratados de filosofia da educação, nem pequenos ensaios de filosofia definindo conceitos, belíssimos, como "diálogo", "autenticidade", "transparências", "ser-no-mundo" etc.

Este seminário é um convite: tentem ler ( diferentemente ) a educação que vivem e praticam. E depois: **contem**.

#### 4 – ESPECIFICIDADE DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

O que é o ato filosófico ? Disse no início desta proposta de programa de estudos que um seminário de filosofia deveria começar por interrogar a própria filosofia. Quero dizer com isso que a primeira questão do filosofar é esta: o que é a filosofia ? E no nosso caso: qual é a **especificidade** de uma filosofia da educação ? Ainda: qual é a **validade** de uma intervenção filosófica na educação ?

Começo por delimitar sumariamente o que não é ato filosófico, o que não é filosofia ou, ao menos, o que uma filosofia da educação deveria evitar.

Em primeiro lugar uma filosofia da educação deveria evitar a **ilusão** de pensar que sua intervenção é imprescindível e que basta filosofar sobre a educação para consertar os erros porventura existentes no quadro

educacional que vivemos. Uma filosofia da educação, deve, antes de mais nada, reconhecer os limites de sua intervenção. Paulo Freire diria, como disse na **Pedagogia do Oprimido** que a primeira virtude do educador ( e do filósofo também ) é a humildade.

É preciso ainda evitar a ilusão de que a educação é um processo simples e que basta legiferar em nome de uma concepção do mundo, o que a filosofia tradicionalmente tem feito em relação à educação, como se a filosofia da educação fosse o "negócio" exclusivo dos filósofos. Em termos brasileiros, essa "filosofia" se traduziria por um decreto. É a ilusão fatal de que basta um discurso para que o "curso das coisas" se modifique. Uma reflexão fundamental sobre a educação só pode ser estimulante e útil na medida em que ela pode mostrar concretamente os primeiros passos a dar na superação das contradições que ela mesma põe em evidência.

Em terceiro lugar, é preciso evitar a fraude comum da filosofia tradicional que consiste em dizer que é preciso saber filosofia para filosofar. O que tem desacreditado a filosofia da educação é, justamente, o fato de estar ela sendo destinada a iniciados, apenas fugindo e silenciando-se diante dos grandes problemas político-educativos do momento. De tal sorte que, parece se preocuparem os filósofos de formação ( ou por profissão ), cada vez menos com os problemas educativos e filosóficos. Há, assim, mais filosofia da educação fora das fileiras dos profissionais da filosofia da educação. Na sociologia, na história, na política, por exemplo. Se a filosofia da educação tem alguma coisa a dizer de essencial, de importante à educação, é necessário caminhar ela passo a passo com a prática da educação. A filosofia não pode assumir a postura de dizer "de fora", o que deve ser praticado "dentro", isto é, na educação. Quanto a isso, uma boa carga de responsabilidade cabe aos educadores não aceitando, submissos, uma filosofia que lhes diga o que devem ou não devem fazer. A filosofia da educação deve ser feita **por** eles e não **para** eles, nunca **sem** eles.

A práxis de uma filosofia da educação feita pelos educadores deve, porém, ser nutrida por uma leitura que os familiarize com as noções de base, o discurso, o método, a maneira de fazer filosofia e de questionar. O ato filosófico exige uma preparação. O exercício do ato filosófico, a atitude filosófica, não aparece naturalmente. É o resultado de um **longo trabalho**, do qual também o discurso dos grandes filósofos não está ausente. Eles podem-nos indicar pistas para avançar a exploração deste imenso campo que é a educação.

Mas, por que interrogar-se sobre a especificidade da filosofia da educação? Não seria essa uma maneira de partir das "essências" como o faz a filosofia tradicional?

Para mim, essa questão é muito mais concreta. Ela se coloca toda vez que um aluno me pergunta como fazer um trabalho de filosofia, quando até então ele fez "apenas" trabalhos em educação ou em ciências da educação ( história, economia, psicologia etc. ). Quando podemos dizer que um trabalho é ou não é um trabalho de filosofia da educação ? Em que a filosofia da educação é diferente das ciências da educação ?

O desenvolvimento dessa questão toma o mesmo caminho da crítica da filosofia, de um lado, e da educação, de outro.

Se a filosofia é concebida como uma reflexão radical e crítica sobre a realidade dos homens, suas atividades, seus trabalhos, no que concerne à educação, a filosofia deve responder, antes de mais nada, à questão: para que serve a educação, em que sentido o homem se educa ? Por que e para que o homem precisa educar-se ? Isto quer dizer que a primeira preocupação do filósofo, e do educador enquanto filósofo face à educação, é de saber se a educação tem um fundamento, tem raízes. Esta preocupação é diferente da preocupação do sociólogo da educação, do psicólogo etc., pelo tipo de questão que aquele põe à educação e pelo interesse que comanda a questão. O filósofo ( o educador-filósofo ) interessa-se justamente por aquelas questões que as ciências da educação esquecem, que as ciências da educação pressupõem ou que, simplesmente não lhes interessam.

Não estou justificando uma pseudo-separação entre filosofia e ciência que também contesto. A diferença está menos no "objeto" da educação ( que é o mesmo das diversas ciências que estudam a educação e, nesse sentido, a própria filosofia seria uma ciência da educação ) do que na **maneira de explorar** a educação. A filosofia da educação explora as raízes, os pressupostos, aquilo que está subjacente à educação. É por isso que ela pode ( sem risco de cair num idealismo incosequente ) interrogar-se sobre um "projeto de homem e de sociedade" subjacente às teorias e à prática da educação, interrogar-se sobre as ideologias subjacentes, sobre uma teoria da sociedade etc. Seu interesse a leva a explorar o que está por trás da educação, a suspeitar da educação, a suspeitar que além da aparência de uma educação necessária pode ocultar-se a dominação, a reprodução etc.

Exemplo: o cientista da educação interessa-se pelos fatos educativos. Ele os analisa, os explica pelas relações mantidas na sociedade e faz "sociologia da educação". Ele os contabiliza e os traduz por números, dados, quadros etc. e faz "estatística da educação". Ele os explica pelo comportamento da criança, do adolescente, do adulto etc., e esse trabalho é um trabalho de psicologia da educação. Nutrido por essas perspectivas, certamente importantes, mas insuficientes para compreender a educação porque são sempre parciais, a filosofia da educação procura compreender a significação do ato educativo, do fato educativo, sem pretensões de esgotar o conhecimento, ou de substituir-se àquelas ciências. Ele não procura

explicações, nem as dá: ele busca situar-se teoricamente para compreender e orientar o que faz e o que é feito em educação. A reflexão filosófica tem um interesse eminentemente prático.

Mas como podemos realmente desvelar tudo o que “procede” o ato educativo? Existe um método ( *démarche* ) filosófico radicalmente diferente daquele que pode seguir o cientista da educação?

Do que procurei expor até aqui, pode-se concluir que a filosofia não separa a questão que ela coloca, da maneira de colocá-la. Se as ciências da educação diferenciam-se pelos métodos que empregam na exploração da educação, isso não ocorre com a filosofia. Ela não se distingue pelo seu método, mas por aquilo que precede o método, isto é, o interesse que comanda os métodos. É por isso que o filósofo pode articular métodos científicos diferentes ( de acordo com os seus limites e o tipo de interesse de sua investigação ) em função da questão que ele coloca. — Isso quer dizer que a filosofia é guiada, de um lado, pelo **objeto**, pela coisa mesma que é interrogada, e, de outro lado, pelo **interesse**, pelo tipo de questão que ele coloca, pela preocupação que o habita. É por isso que ele recusa uma metodologia que manipula, como nas ciências, o objeto de pesquisa. Mesmo quando o filósofo se utiliza da sociologia ou da psicologia da educação, ele não faz sociologia ou psicologia da educação da mesma maneira que o sociólogo e o psicólogo. Ele constrói seu método praticando a filosofia, filosofando. Esse método no sentido forte do termo, essa atitude dessa maneira de fazer filosofia, é sempre, porém ligada a um **sujeito histórico** por isso é sempre provisória. Tentando manter sempre viva a dialética sujeito-objeto do conhecimento, a filosofia representa em relação às ciências uma crítica fundamental do objetivismo sustentado por elas. Sendo uma crítica histórica a filosofia assim praticada exige a prática das coisas das quais ela fala. É a sua prova da verdade: a práxis. O filósofo da educação não pode falar da educação abstraíndo-se da sua própria prática educativa. Ele não pode falar a não ser após ter feito a experiência da educação. Pelo seu próprio método ( caminho ), ele se recusa a falar **sobre** a educação.

Um bom resultado em filosofia da educação não se mede pela lógica, pelo rigor interno de sua metodologia, de sua dinâmica, mas por essa coerência do conteúdo do discurso com o sujeito que o pronuncia. O discurso educativo alimenta-se constantemente por essa relação entre o autor e o que ele diz, entre a teoria e a práxis. A pesquisa ( investigação ) que consiste numa sucessão, coerente ou não, de autores e de citações, em filosofia da educação é uma falsa pesquisa. Eu não posso fazer a filosofia da educação de Reboul, de Kneller, de Paulo Freire, de Anísio Teixeira. A minha filosofia da educação para que seja válida deve referir-se necessariamente à minha prática da educação.

O método filosófico não apresenta **regras** ou técnicas seguras de tal sorte que, praticando-as, poderíamos obter filosofia. É por isso que ao pedir um trabalho, uma monografia filosófica, não podemos ensinar como fazê-lo através de esquemas rigorosos. Ninguém pode garantir que estamos filosofando apenas porque sabemos o "abecedário" filosófico, mesmo porque a filosofia considera suas conclusões secundárias em relação ao objeto de reflexão, do qual ela permanece sempre aprendiz. O pensamento filosófico não é um dogma, mas um guia intelectual para a compreensão das coisas, da vida, do mundo, para a ação sobre o mundo, as coisas, a vida ... é "a luta de classes na teoria", como magistralmente a definiu Althusser, unindo assim teoria e práxis; é a prática de pensar a prática, "a melhor maneira de pensar certo", no dizer de Paulo Freire.

A questão da especificidade da filosofia da educação caminha juntamente com a questão mais geral da filosofia: o que é a filosofia? A filosofia não é uma atividade especulativa e abstrata que estabelece verdades absolutas, apesar de existir uma filosofia filosofante da transmissão hereditária de mestre para discípulo dos "problemas fundamentais", a filosofia que forma filósofos para formar filósofos. A filosofia que estou propondo para que nós a pratiquemos e pela qual eu combato não é uma filosofia sagrada, reservada a alguns especialistas. Todos os homens são filósofos, não necessariamente porque elaboram a filosofia, mas porque trabalham e pensam o seu trabalho, pela pesquisa que todo homem pode fazer no que concerne ao sentido de sua vida e do que faz. Nem toda filosofia se resume na filosofia que Marx denunciava na **XI Tese sobre Feuerbach** quando afirmava que "os filósofos tinham apenas interpretado o mundo e o que importava era transformá-lo". Não quer dizer com isso que Marx recusasse a filosofia. Marx repugnava a filosofia filosofante, a filosofia alienada e afirmava a unidade da teoria e da prática. O verdadeiro filósofo não é aquele especialista que elabora novas concepções do mundo (mesmo aquelas que nos parecem geniais), mas aquele que pela sua práxis modifica o meio, dando-lhe sentido, e desse modo, dando sentido à história, fazendo história.

Estou tentando fazer uma filosofia da educação que se precisa aos poucos. Sua elaboração é lenta porque é uma **filosofia crítica da educação**, não uma filosofia dogmática. É uma filosofia da educação que introduz certa **suspeita** no otimismo educacional, nesta inocência da educação. Uma filosofia que seja mais interrogativa e menos afirmativa. Uma filosofia que não rejeita o risco de, por vezes, embarcar na dispersão, de navegar na superfície, para se decentrar, mudar de ângulo. Não uma filosofia da poupança, mas uma filosofia do desperdício, da abundância de experiências novas, arrojadas, atrevidas. Aceitar, portanto, o **desafio** de tentar outra coisa, assumir riscos de sair da dogmaticidade, dos chavões, dos lugares-comuns, das coisas pré-fabricadas que andam aí aos montes em nossa educa-

ção, em nossa vida. Uma filosofia que aceite suas limitações, as limitações da reflexão. Ao mesmo tempo uma filosofia que **leve a sério** ( e nisto eu insisto, quero sublinhar esse "levar a sério" ) a tarefa de humanização, compreensão, de dedicação ao homem, ao homem do povo. Esta filosofia eu chamaria de **filosofia popular**, que seria o contrário do filósofo vulgarizado. Enquanto esta é uma maneira de simplificar os problemas, dando respostas prontas, banalizando a filosofia, a **filosofia popular** mantém a complexidade dos problemas, evita as simplificações: todos os problemas reais são problemas complexos.

#### NOTAS:

( \* ) Proposta para um "programa de estudos" de filosofia da educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-graduação em Educação, agosto de 1977.

( \*\* ) A tradição idealista da fenomenologia existente entre nós pode dificultar-nos a sua compreensão, mas não nos impede de entendê-la no seu sentido concreto, dialético.